

## UM OLHAR ITINERANTE

MIGUEL SANCHES NETO (UFSC)

"As mulheres mantêm a ordem da espécie com punho de ferro, enquanto os homens andam pelo mundo empenhados em todas as loucuras infinitas que puxam a história. Isso me fez lembrar que as mulheres carecem de sentido histórico."

Gabriel Garcia Marques,  
in **Cheiro de Goiaba**

"Viajar é multiplicar a vida"

Machado de Assis,  
in **O Paraíba**, 16/11/1863

Os relatos das viajantes européias que estiveram no Brasil ao longo do século XIX fornecem, segundo Miriam Lifchitz Moreira Leite<sup>1</sup>, uma dupla documentação sobre as mulheres deste período por constarem de uma visão interna e de outra externa da condição feminina, proporcionando uma reflexão sobre a mulher brasileira e sobre a européia.

Tentarei, neste pequeno ensaio, analisar este duplo testemunho no livro **Alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil**, de Ina von Binzer<sup>2</sup>.

Antes porém, se faz necessário situar o livro e a autora. Pouco se sabe dela, toda informação que aqui forneço foi retirada de um apêndice do prefácio da segunda edição.

Trabalhou numa fazenda no Estado do Rio por algum tempo, mas, devido ao excesso de serviço e ao modo de vida que levava junto a essa família, Ina logo mudou-se para a cidade do Rio, onde lecionou em um estabelecimento leigo de ensino, no qual também não ficou muito tempo, seguindo para São Paulo. Nesta cidade ela trabalhou na casa do Dr. Martinico Prado, ensinando os filhos deste (Caio, Plínio, Lavínia, Cordélia e Clélia) — que nas cartas são tratados por 'os meus romanos'. Em seguida, foi para uma fazenda no interior de São Paulo, nas imediações de Americana, onde trabalhou para o Sr. Bento Aguiar de Barros. A essa família Ina fez comentários elogiosos. Por fim, casou-se com um engenheiro inglês, representante de máquinas agrícolas, cujo nome não se conhece (ele aparece no livro como Mister Hall). Decorridos dois anos ela voltou para a Alemanha.

O livro, composto por cartas destinadas à amiga Grete, apresenta as andanças de Ina e a sua sóbria leitura dos costumes brasileiros de então. Publicado em 1887, em forma de romance (algo no gênero de um 'roman à clef') que mantém vínculos explícitos com as verdades factuais.

Amalgamando senso de humor e visão crítica, ela nos dá um outro retrato do Brasil. Poderíamos dizer que o livro é marcado pelo choque entre duas culturas distintas. E talvez pudéssemos começar a análise a partir desta especificidade. No estudo das autoras brasileiras do séc. XIX, nota-se um tom lamentoso, plangente: as personagens femininas lamentam a falta de liberdade. Em Ina a lamúria está presente, mas tem um outro tom (marcado pelo humor) e uma outra causa. Ina lamenta estar longe de sua terra. É um representante da **cultura** que se queixa por estar na **natura**, e isto — a meu ver — dá uma transcendência às lamentações. Suas cartas marcam o choque do **eu** com o **outro**, por isso assumem — principalmente no começo — um caráter de queixa, que vai diminuindo à medida que ela se familiariza com uma nova realidade. Em outros termos, poderíamos dizer que é o cosmo que se depara com o caos — mais adiante voltarei a este ponto.

Ao perceber isso, as lamentações diminuem e Ina passa a atender melhor o Brasil. Isto é bem visível no momento em que ela fala da desordem que encontrou no Rio: o brasileiro considera essa espécie de desordem com certa ingenuidade quase comovente e penso Grete, que nós europeus, com o tempo vamo-nos habituando a ela (mas não com a sujeira) por vermos os outros não se incomodarem. Até mesmo para poder fazer uma idéia justa do que era uma mata virgem a alemã teve que levar em consideração que no Brasil é do caos e da desordem que vem a magia das matas virgens: Certa vez provoquei até grande repulsa (...) por afirmar eu, filha de administrador florestal, que não tinha visto ainda no Brasil uma floresta digna deste nome, não se podendo levar em consideração estes troncos compridos e esguios das mais variadas espécies de madeira, misturadas umas com as outras, sem nenhuma simetria. Somente compreendendo estas diferenças Ina pôde aceitar o país. Mais isso não impede que ela continue se lamentando por estar longe da Alemanha, principalmente quando teve que enfrentar um natal tropical. No entanto, este sentimento de exílio não atrapalha a percepção dos hábitos do Brasil. Muito pelo contrário, isto a obrigou a olhar mais profundamente.

Como vimos, as lamentações de Ina são as de um ser exilado, ultrapassando as queixas pessoais. Agora caberia explicar o enfoque que o livro dá à mulher. E aqui duas são as veredas possíveis: através da análise das observações de Ina sobre a mulher e através de sua própria trajetória em terras brasileiras. Como veremos mais adiante, estas duas leituras não são contraditórias, mas complementares. Começemos então com a última delas.

Já na primeira carta que a jovem educadora escreve a sua amiga Grete, ela define suas intenções: quer aventura. Está disiludida justamente porque não aconteceu nada

esperamos entretanto que o destino se compadeça de mim e me proporcione algum dia uma situação bem perigosa que lhes possa descrever.

Este desejo de ter algo para contar expressa a necessidade da mulher de experimentar o mundo, de relacionar-se diretamente com ele. Poderíamos compor, a partir disso, a seguinte fórmula: viver para contar = pensar o mundo. Talvez Ina tenha saído de sua terra natal atrás disso. E seria interessante ainda lembrar que nos primitivos ritos de passagem o neófito só atinge a maturidade depois de deixar o cosmo (mais precisamente: o seu mundo) e passar pelas provações do espaço estrangeiro, o caos<sup>2</sup>. Ou em outra escala: tem que deixar o Lar e provar que sobrevive no não-Lar. Nesse sentido, numa leitura mítica, ter algo para contar (o que implica em ter vivido experiências outras) é uma maneira de consolidar a maturidade do não-Lar, longe da proteção familiar.

Por outro lado, este desejo de aventura nos mostra que Ina é uma mulher livre, que percorre o mundo para vislumbrar suas mais variadas faces. É também uma mulher ávida por conhecer e isso pode ser facilmente percebido pela afirmação que ela faz a Grete quando lhe conta sobre o convite para ir à inauguração da estrada de ferro de S. João d'El Rei: "e como você sabe, onde há qualquer coisa para se ver, podem contar comigo". Esta sua ânsia por observar é responsável pelo valor de seus depoimentos. Embora eu não tenha feito uma pesquisa mais profunda, creio poder afirmar que os seus comentários sobre a sociedade brasileira são mais profundos do que os dos demais viajantes europeus — por estarem estes de passagem, observando muito rapidamente, enquanto que Ina esteve instalada dentro da família brasileira. Tomemos como exemplo o cômico episódio do naturalista alemão que ela descreve: um 'sábio' alemão aparece numa das fazendas onde Ina trabalha e sai para pesquisar a região. Encontrando alguns negros, que lhe fazem uma saudação, ele se assusta e foge. Os negros

seguem-no e o alemão chega à sede da fazenda dizendo que está sendo perseguido por canibais. Isto pode mostrar que muitos dos viajantes tinham uma visão um tanto superficial do Brasil. Outro exemplo disso, que não está mencionado na narrativa, é o método de observar de Sir Richard Burton, que, no seu livro "Viagem aos planaltos do Brasil", quase nunca passa da descrição superficial das cidades percorridas<sup>3</sup>. Ina, convivendo bem mais tempo junto à família brasileira, observa-a melhor.

Poderíamos dizer que ela é uma mulher que ocupa o espaço público, procurando ver e viver tudo que as oportunidades lhe oferecem. No decorrer das cartas ela não fica apenas nos comentários sobre si, mas tenta entender e/ou aceitar o mundo em que está. Viaja, sai sozinha, conversa com pessoas, coleciona animais e objetos (ou seja, coleciona saber), etc. É uma mulher livre e inteligente que consegue perceber o impasse político em que o Brasil se encontrava, às vésperas da abolição da escravatura:

Segundo o que venho observando, tenho a impressão de que o Brasil logo de início irá sofrer horrivelmente com a abolição da escravatura (...). Sofrerá por dois motivos: primeiro pela extinção das forças trabalhadoras nos campos e em seguida pela repentina invasão de suas cidades por elementos nocivos, ou, na melhor das hipóteses, inúteis.

É uma observação profunda que só poderia vir de uma pessoa culta e vivida. Ina não fica limitada pelas paredes das casas onde leciona; ela viaja, observa e anota.

É interessante notar ainda que ela chega ao Brasil solteira e sai dele noiva. No entanto, não se percebe nenhuma afetação sentimental nas suas cartas. Ela não perde tempo comentando afetos, pois tem uma vida ativa. Só ficamos sabendo de seu envolvimento oficial com Mister Hall na derradeira correspondência para Grete, um minúsculo bilhete, que não traz nenhum sentimentalismo — muito embora desde o começo notemos sua preferência por ele. Poderíamos dizer, sem sombra de dúvida, que Ina mantém uma correspondência intelectual com Grete; por isso, suas cartas têm

sentido para os outros. Seus comentários transcendem o momento e as circunstâncias em que foram escritos, assumindo um alto valor enquanto relato de uma época. O que lemos hoje não são as lamentações de uma moça apaixonada, mas as observações de uma viajante observadora. Isso não quer dizer que não haja sentimentos pessoais na carta, mas sim que Ina não fica só neles. Suas cartas exprimem muito mais do que sua própria pessoa, elas enriquecem nossa visão de mundo: daí o seu valor enquanto arte.

Para salientar mais o valor desta obra, poderíamos compará-la com um outro livro escrito por aquela época. Peguemos o romance *Celeste*, de Maria Benedita Bormann, resguardando as diferenças entre as duas autoras. Em *Celeste*<sup>4</sup>, um livro de 1893, a autora introduz um novo tipo de mulher na literatura brasileira: a vamp ('femme fatale'), a que dá as regras do jogo. É um livro interessante por isso, mas a sua visão não consegue transcender o espaço em que a mulher estava confinada: o seu espaço romanesco é a casa e o salão. Em *Celeste* a mulher ainda está presa aos domínios do lar, mesmo quando procura outros homens. Em *Os meus romanos*, publicado em 1887, a mulher transita tanto pelo espaço público quanto pelo privado. Nada a impede. Por isso ela pode ultrapassar os assuntos pessoais, contemplando tudo que deseja. Isso não acontece com *Celeste* — a sua visão de mundo é bem restrita, não vai além do campo sentimental e mesmo quando recrimina a escravidão é em nome do sentimento que o faz: *Celeste* só se interessa pela libertação dos escravos por causa do amor maternal que a liga à ama negra.

Vejamos agora o depoimento de Ina sobre as mulheres brasileiras de então. A primeira observação que espanta a educadora é que aos 22 anos a moça era considerada solteirona, veja-se a passagem:

Dona Gabriela, Dona Olímpia e Dona Emília já têm a idade de 19, 21 e 22 anos, o que para os brasileiros é ser quase uma solteirona. Com meus 22 anos isso muito me espantou.

Desta observação podemos inferir um elemento importante: numa sociedade onde a mulher é criada para não exercer outras funções além da de esposa e mãe, o fato de não se casar na idade prevista significa uma vergonha. Sua única destinação é para o casamento, quando este demora ela é tida como fracassada, pois deixa de exercer o papel imposto pela sociedade.

Quando Ina foi lecionar num colégio do Rio, observou que as melhores famílias não mandam absolutamente as filhas para colégios devido a isso esta sociedade é, em geral, menos educada ou a mais selvagem que se pode encontrar.

Este procedimento das famílias brasileiras era justificado pelo fato de que a mulher, destinada ao lar, não precisava estudar e cultivar-se e mesmo quando lhe era permitido tal privilégio, contratava-se uma professora particular, para preservá-la do relacionamento humano fora dos tetos familiares.

Sobre a reclusão das mulheres brasileiras, Ina nos fornece alguns depoimentos valiosíssimos. Comentando sua ida ao cabelereiro ela diz: Não sabia que, já por mim, chamava a atenção, pois nenhuma senhora brasileira sai sozinha à rua, nem de maneira alguma vai pentear-se fora de casa. Algumas páginas depois, observa que os homens não estão acostumados com as senhoras suas patricias sozinhas na rua e mesmo sabendo que nós estrangeiras gozamos dessa liberdade, consideram-se no direito de desacatar com gracejos as mulheres européias, quando não se acham acompanhadas. Creio que estes dois trechos são suficientes para explicitar como era a mulher brasileira daquela época. Não é de se estranhar que nos romances produzidos por elas o espaço seja basicamente o familiar e o de salão: eram estes os únicos lugares que podiam freqüentar: **Os meus romanos**

só poderia ter sido escrito por uma mulher acostumada com a liberdade e educada para ser independente.

Como minha leitura está centrada na questão da mulher, prefiro não analisar as valiosas observações na Ina von Binzer sobre outros assuntos. Melhor seria dizer algo sobre o prefácio de J.F. de Almeida Prado que, visivelmente, deprecia o trabalho da educadora. Resumindo o livro, já no fim, ele diz: Chegado o livro a esse ponto assumem menores proporções as afetações literárias da autora, o seu pendor a cripto-personagens, o ranço militar de sua formação, os **defeitos do sexo** (grifo acrescentado) e da idade. Mesmo caindo no preconceito, como se nota acima, Almeida Prado crê que a fidelidade observadora e o valor informativo dessas cartas são de maior importância que a grande parte das opiniões dos estrangeiros que passaram pelo Brasil naquela época. Se para Almeida Prado, apesar dos defeitos do sexo, Ina consegue escrever uma obra de valor, para nós hoje — numa leitura ideologizada — ela produziu um livro singular justamente por ser mulher. Mulher livre e culta, cujo olhar itinerante observou o país por um outro ângulo.

Ao ler **Os meus romanos** junto com as produções das escritoras brasileiras do século XIX, percebemos duas coisas: o quanto ele é superior em visão de mundo e — o mais importante — como poderia ter sido de qualidade uma obra produzida por uma brasileira que desfrutasse do mesmo grau de cultura e de liberdade de Ina von Binzer.

Infelizmente **Os meus romanos** fica como um exemplo (para dizer como o poeta) do que poderia ter sido e não foi.

## Notas

<sup>1</sup>LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. A dupla documentação sobre mulheres no livro das viajantes (1800-1850), in



BRUSCHINI, Maria Cristina A. e ROSEMBERG, Fúlvia (orgs.)  
**Vivência - História, sexualidade e imagens femininas.**  
Fundação Carlos Chagas/Brasiliense, 1980. p.195-226.

<sup>2</sup> As citações sobre Ina von Binzer foram retiradas da segunda edição de seu livro **Alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil**, Editora Anhembi Ltda., São Paulo, 1956.

Há uma edição mais recente do livro, que aparece com o nome: **Os meus romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil**, 3.ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

<sup>3</sup> Para maiores detalhes ver 'O Espaço Sagrado' de Mircea Eliade, in: **O Sagrado e o Profano**, Lisboa: Edições Livros do Brasil, tradução de Rogério Fernandes.

<sup>4</sup> **Viagens aos Planaltos do Brasil**, trad. Américo Jacobina Lacombe, 2.ed. São Paulo: Companhia Nacional (Brasília); INL, Fundação Pró-Memória, 1983.

Num ensaio de literatura comparada intitulado "A demente lúcida" fiz um estudo sobre as maneiras como Sir Richard Burton 'lê' Ouro Preto, confrontando-as com a leitura de Murilo Mendes em seu livro **Contemplação de Ouro Preto**, Rio: Ministério da Educação e Cultura (Serviço de Documentação), 1924.

<sup>5</sup> BORMANN, Maria Benedita (pseud. Délia). **Celeste**, 2.ed. Rio: Presença Edições; (Brasília) INL, 1988.

